

# NÃO POSSO CONTAR MEUS MALES

*Frei Caneca*

Não posso contar meus males,  
Nem a mim mesmo em segredo  
É tão cruel o meu fado,  
Que até de mim tenho medo.

## GLOSA

Dos homens sendo a paixão  
Incêndio voraz no peito,  
Sempre tem funesto efeito,  
Se não rebenta o vulcão.  
Eis porque, meu coração,  
Pouco falta, que me estales;  
Porque nos montes, nos vales,  
Em deserto, ou povoado,  
Não posso soltar um brado,  
Não posso contar meus males.

Horrenda sorte, e funesta,  
Escasso fado mofino,  
Até me roubas, malino,  
O alívio que me resta!  
Tudo que sinto me atesta  
Que os do Cocyto ainda excedo;  
Porque não tendo eles medo  
De contra Deus blasfemar,  
Não posso de mim falar;  
Que até de mim tenho medo.

Ver o pólo negro arder  
Em raios abrasadores;  
Feros Notos berradores  
Dos montes cedros varrer;  
Todo o mundo estremecer,  
Dos trovões ao rouco brado;  
Da terra o centro rasgado  
Nações inteiras sorvendo,  
Quanto ver isto é horrendo!  
É tão cruel o meu fado.

O peito d'antes sereno  
Centro de amor e ternura,  
Agora é morada escura  
De males mil, com que peno.  
Vós p'ra quem um fado ameno  
Aponta com áureo dedo,  
Fugi de mim, porque cedo  
Mudar-se vereis a sorte;  
Pois o meu mal é tão forte,  
Que até de mim tenho medo.